



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal do Brasil e à Gazeta Mercantil

Palácio do Planalto, 13 de junho de 2008

Obs: Entrevista publicada no Jornal do Brasil no dia 15 de junho de 2008 e na Gazeta Mercantil no dia 16 de junho de 2008

Jornalista: Presidente, vai fazer 20 anos, no ano que vem, que o senhor concorreu pela primeira vez. O senhor (inaudível) mais duas vezes, em 2001 e 2002. Ser presidente agora... O senhor já está há cinco anos. É o que o senhor imaginava que era?

Presidente: Eu acho que é. Antes, quero falar para vocês um pouco de uma coisa. Na década de 70, eu tive uma relação com o JB muito forte. O JB tinha um secretário em São Paulo, chamado...João Batista Lemos. Ele era diretor da sucursal de São Paulo, trabalhava com ele o nosso amigo do Estadão, José Nêumanne, trabalhava uma editora de economia muito boa, a Inês, e foi quando começaram as greves e o Movimento em 1970. Eles tinham uma cobertura quase privilegiada das greves, era uma coisa assim até... Nós tivemos muita relação.

Jornalista: O JB tinha uma sucursal muito forte.

Presidente: Muito forte. Depois eu fui convidado para um jantar com a Condessa. Depois eu fui preso, em 1980, tinha uma história lá de um... Você está lembrado de uma famosa história de alguém que aparecia na cadeia, falando: “o chefe quer falar com você, o chefe quer saber...”. Era uma história muito engraçada porque as pessoas acham que era o Golbery, e não era o



Golbery. Eram alguns amigos do João Batista Lemos.

Aquele momento também era de muita novidade. Hoje, o movimento sindical está muito enfraquecido. Está muito enfraquecido em termos. Se você imaginar as conquistas que eles tiveram nesses últimos 20 anos, foram muito grandes. Pegue o Sindicato de São Bernardo do Campo, há 20 anos: para eu distribuir um jornalzinho do sindicato, tinha que enfrentar a ira de um tal de coronel (inaudível), que era um segurança da Volkswagen, dois tenentes do Exército e a segurança da Volkswagen, que cercava o pátio com correntes. A gente chegava com caminhão de som, dava marcha à ré e quebrava aquela corrente. Para um trabalhador entrar com o boletim do sindicato, tinha que guardar dentro da barriga, com medo de a segurança ver. Hoje você vai à Volkswagen, vai na linha de montagem, vai passando o jornalzinho para cada trabalhador pegar o seu. A comissão de fábrica convida você para ir almoçar lá e não presta contas à direção da empresa, (inaudível) você dentro da fábrica, visita a fábrica e vai embora.

Jornalista: Em um momento ficou muito mais pragmático.

Presidente: E lá em São Bernardo, tem uma novidade que não tem no movimento sindical brasileiro. Em São Bernardo do Campo, eles criaram... Primeiro, as comissões de fábrica funcionam para caramba. Noventa por cento dos processos são resolvidos dentro da fábrica, sobretudo, a comissão de fábrica da Ford, da Mercedes e da Volkswagen. Teve um tempo desses aí que eles tiraram 600 processos da Justiça, fizeram acordo dentro da fábrica, foram à Justiça com a empresa para retirar o processo. E uma coisa interessante, em São Bernardo agora, é que eles criaram um sistema de votação que a pelegada não aceita. É o seguinte: o Marinho era ministro, se ele quisesse continuar sendo diretor do sindicato de São Bernardo, ou se ele fosse presidente da CUT, ele teria que ser votado no setor em que ele trabalhava. Se



a peãozada do setor não votasse nele, ele estava fora. Estava fora da CUT e estava fora do sindicato. Qualquer diretor, o Feijóo é o atual presidente, se ele quiser ser presidente, ele tem que ser votado na seção dele.

Jornalista: Além da votação geral?

Presidente: Não, primeiro é votado na seção dele.

Ministro Franklin: Ele é indicado na seção.

Presidente: Aí ele vai para a comissão. Da comissão, se escolhe quem vai ser diretor e aí vai para a geral.

Jornalista: O senhor diria que o sindicalismo se adaptou aos novos tempos?

Presidente: Eu acho que o sindicalismo teve uma evolução de conquistas. Hoje, o grau de liberdade é muito maior, os sindicatos podem transitar nas suas relações com o capital ou mesmo com o governo, com muito mais facilidade do que há 20 anos. Hoje, um sindicato organizado como o de São Bernardo, para fazer uma greve, não precisa nem convocar assembléia. Eu precisava passar uma semana gritando na porta da fábrica. Hoje, convoca a comissão de fábrica e decide: quarta-feira, 8h, vamos parar... e pára. E também eu acho que houve uma evolução dos trabalhadores e dos empresários. Por exemplo, hoje, o Sindicato dos Trabalhadores vem ao Congresso Nacional brigar pelo Imposto de Renda; hoje os funcionários públicos estão aprendendo que se quiserem aumento de salário eles têm que brigar na hora de fazer o Orçamento. Não adianta achar que o Orçamento não é um problema deles, porque é o Orçamento que vai dar ou não dinheiro para o aumento deles. Então, eles têm que brigar lá, para o Orçamento compatibilizar a verba que eles precisam.



O movimento sindical nunca deu nenhuma importância para o salário mínimo porque, normalmente, os sindicatos organizados ganham mais que o mínimo. Hoje o salário mínimo é uma coisa que mobiliza os trabalhadores. Eu acho que houve uma evolução. E também os sindicatos estão aprendendo que... no meu tempo, qual era a nossa marca registrada? Era que o sindicato era uma entidade de contestação, não havia nenhum compromisso com propostas, era só contestar. Hoje (inaudível) - e eu participei muito disso na década de 90 - o movimento sindical tem que ser propositivo. Na medida em que as fábricas não vão ter mais a quantidade de trabalhadores que tinham – a Volkswagen tinha 44 mil trabalhadores em 1979 e hoje tem 13 mil, 14 mil trabalhadores e produz o dobro do que produzia – então, na medida em que as fábricas não vão ser mais do tamanho que eram, os trabalhadores que trabalham.... o chamado terceiro setor cresceu, o setor de serviços cresceu, os sindicatos têm que ser mais propositivos têm que apresentar propostas.

Esse negócio do *flex-fuel* tem muito a ver com o trabalho que São Bernardo fez, de renovação da frota. O Sindicato de São Bernardo passou oito anos fazendo propostas de renovação da frota.

Jornalista 1: Presidente, o movimento social já não evoluiu da mesma maneira. Se você pegar, por exemplo, o MST, lembra muito o que o senhor estava dizendo: de se tornar uma máquina de protesto sem uma atuação mais propositiva...

Jornalista 2: Só para não perder o gancho do sindicalismo, Presidente, o senhor disse que foi eleito várias vezes como o “sindicalista do ano”. Essas lideranças se renovaram depois que o senhor chegou ao poder. Na sua opinião, isso aconteceu ou não? Hoje a gente tem dificuldade de escolher o “sindicalista do ano”.



Presidente: Alguns sindicatos se renovaram muito. Eu estava falando de São Bernardo porque eu considero o Sindicato de São Bernardo o mais organizado do Brasil, desde que ele foi fundado em 1959, porque ele já foi fundado em uma situação de muita força com a indústria automobilística. No Sindicato de São Bernardo eu convoquei uma assembléia em 1978, para proibir que alguém fosse presidente por mais de dois mandatos. Então, nós temos isso desde 1978. Não é lei, mas é uma decisão do nosso Sindicato.

Eu entrei no movimento sindical em 1969, fui presidente em 1975, saí em 1980, já fui candidato a presidente da República três vezes, perdi três eleições, fui candidato a governador, já sou presidente pelo segundo mandato, e tem gente que ainda é dirigente sindical daquela época em que eu era dirigente sindical.

Então, a renovação é extremamente importante para o movimento sindical. Eu diria que tem duas categorias muito organizadas hoje: bancários e metalúrgicos, que na minha opinião são as mais organizadas do Brasil e com mais força. Depois tem a dos professores em alguns estados, em São Paulo é muito organizada. Tem a dos petroleiros, que é uma categoria muito organizada.

Eu acho que ainda dá para escolher o “sindicalista do ano”, sim.

Jornalista: O senhor escolheria?

Presidente: Eu escolheria. Eu acho que o Feijóo, por exemplo, do Sindicato de São Bernardo, é o mais competente sindicalista que nós temos hoje atuando no movimento sindical. Aliás, deixou de ser presidente agora. Antigamente, era impossível imaginar um cara como o Vicentinho, ou como o Marinho, deixar a presidência do Sindicato. Lá em São Bernardo a gente sai com naturalidade, não há nem trauma.

Sobre a questão do movimento social, é muito difícil fazer movimento



social, fazer sindicalismo em época que as coisas estão indo bem. Eu vou tentar explicar. Quando o Fernando Henrique Cardoso fez o Plano Real, fez primeiro a URV, eu fiz uma reunião com os sindicalistas, na época, e eu disse: nós não estamos acostumados a trabalhar em época de inflação baixa.

A cultura economicista do movimento sindical pressupunha que tinha que haver inflação alta para que se pudesse fazer grandes reivindicações: “100% de aumento de salário, 86% de aumento de salário”. Na medida em que se tem inflação baixa, em que o salário não é o primeiro item da pauta de reivindicação, isso diminui a sua força, porque há uma cultura preestabelecida dentro de cada categoria.

Então, eu dizia para os dirigentes sindicais: nós precisamos criar novas formas de fazer as nossas pautas de reivindicação. Para o trabalhador brasileiro, se a inflação for de 70, mas se ele receber 50, ele acha que está ganhando mais do que se tiver inflação de 1% e ele receber 1,5% de reajuste.

Quando nós fizemos a proposta para o Congresso Nacional, que está lá para ser votada, de que nós daríamos a inflação mais 1,5% para o servidor público, isso estabelecido em lei, eu tive uma reunião com os deputados, com os líderes, e eu tentei falar para eles o seguinte: pesquisem no mundo qual o governo que assegura aos trabalhadores a inflação mais 1,5% garantido, todo ano. Não existe. Um e meio por cento acima da inflação é um grande aumento, em qualquer país do mundo. Mas a nossa cultura não permite que as pessoas enxerguem assim.

Na medida em que você tem um governo que atende o movimento social, que faz as coisas que o movimento social quer, que decide com ele as políticas.... Nós fizemos 49 conferências nacionais. Quarenta e nove conferências nacionais, em cinco anos, isso significa que cada conferência nacional é resultado das conferências estaduais, que são resultado das municipais. São milhões de pessoas que ao longo do ano se organizam na área da saúde, do movimento negro, dos índios. Depois essas pessoas



canalizam os delegados nacionais para virem, com o governo, elaborar políticas para o setor. Na medida em que se começa a trabalhar isso, começa a diminuir a contestação, porque eles se sentem co-participantes da elaboração das políticas públicas.

No caso dos sem-terra, hoje o grande problema que eu acho que nós vivemos no Brasil é que na hora que tem geração de empregos, tem menos gente para ir para acampamento. Esse é um problema. Na hora em que se desapropria 35 milhões de hectares de terra – o número é muito alto – em cinco anos e meio nós desapropriamos 35 milhões de hectares de terra e o governo passado, em oito anos, desapropriou 18 milhões de hectares de terra. Quando você assenta 501 mil famílias, chega um momento que o problema não é mais assentar. O problema que nós estamos vivendo agora, e é uma decisão que tomamos na semana passada, com um projeto para produzir mais alimentos, é que agora, em vez de ficar na loucura de gastar dinheiro para desapropriar terras, porque está cada vez mais caro, nós temos que dobrar ou triplicar a produção das pessoas que estão no campo.

Presidente: Nós não podemos permitir que as pessoas fiquem apenas naquela agricultura de subsistência, nós precisamos dar às pessoas condições de elas produzirem e ganharem dinheiro. Elas têm que saber que ganhar dinheiro é bom. Eu acho que essa é uma decisão que nós vamos tentar implantar daqui para a frente. Obviamente que nós vamos continuar fazendo os assentamentos, mas eu quero carregar mais recursos para assistência técnica e para levar tecnologia para os agricultores, para financiar mais tratores, ajudar a preparar...

Jornalista: Mas eles não entenderam isso?

Presidente: Eu acho que a base entende e as pessoas entendem....



Jornalista: Eles continuam fazendo, tomando (inaudível)...

Presidente: Hoje menos, hoje eles mudaram de comportamento...

Jornalista: Eu notei que o comportamento do próprio Stédile está mudando nos últimos tempos. Ele está entendendo, um pouco, que a coisa não é bem aquilo, o grande desafio hoje não é dar a terra, pura e simplesmente. As coisas mudaram.

Presidente: Eles são inteligentes. Se eles quiserem compreender, ótimo. Sobretudo agora, neste momento em que se tem no mundo inteiro uma pressão inflacionária por conta de alimentos, isso significa o quê? Significa que a palavra de ordem é produzir, não é mais invadir. Nós já temos milhões de pessoas com terras nas mãos. O que precisamos fazer agora? Levar tecnologia e recursos para essas pessoas poderem produzir, o governo aumentar o preço mínimo para incentivar as pessoas a produzirem, e o próprio governo aumentar o dinheiro para a compra de alimentos da agricultura familiar para distribuir para a merenda escolar e para as pessoas mais pobres do País. Essa é uma decisão já tomada do governo e que nós vamos implementar daqui para a frente.

O plano é ousado mas, por exemplo, se você pegar a agricultura empresarial brasileira vai perceber que por hectare, em qualquer coisa, a gente planta mais do que os Estados Unidos. Mas se você for pegar a agricultura familiar, na produção de leite, enquanto eles produzem, em média, 9,7 litros de leite, outros produzem 4 litros, o Brasil produz 1,7. Então, significa que nós temos uma margem de crescimento extraordinária de produtividade. A palavra de ordem agora é investir em produtividade na agricultura familiar.



Jornalista: Especialmente no pequeno agricultor, não é?

Presidente: Exatamente, naquele que mais necessita do Estado como indutor.

Jornalista: Agora, os juros não ajudariam a aumentar a produtividade?

Presidente: É uma coisa que nós discutimos, eu pelo menos discuto isso há 20 anos. De vez em quando eu fico me perguntando porque eu pego gripe. Tomo todas as precauções do mundo e de vez em quando vem uma gripe. Vamos ver o seguinte: você tem hoje, aproximadamente, 60% dos juros do Brasil, que não têm nada a ver com a taxa Selic. Você tem os juros, que são do dinheiro que foi tomado por grandes empresários do exterior, que é outra taxa de juros; você tem toda a agricultura financiada com outra taxa de juros; você tem todo o dinheiro do BNDES financiado com outra taxa de juros. Então, uma parte do dinheiro que vai para a produção neste País, nenhum projeto que passa pelo BNDES – e este ano vamos fechar o ano com 90 bilhões de empréstimos – passa perto da taxa Selic.

Aí, você tem o grande prejudicado com a taxa Selic que, no fundo, no fundo, é o próprio Estado, porque aumenta a dívida pública brasileira. Nós temos um problema crônico, que nós não discutimos. Esta semana eu tive o prazer de ligar para o meu companheiro Artur, presidente da CUT, porque eu o vi fazendo uma crítica ao aumento da taxa de juros, e eu disse ao Artur que tanto a Federação das Indústrias, quanto a Federação dos Trabalhadores deveriam ser mais pragmáticos para evitar que aumentassem os juros, não permitisse a volta da inflação. Por que tem inflação? Porque algum setor está aumentando os preços. Se ninguém tivesse aumentado o preço, nós não teríamos inflação. Então, é muito mais fácil detectar quais os setores que estão inflacionando, tem uma parte dos setores que está aumentando e que depende de matéria-prima internacional e, portanto, não depende deles o preço, mas



não tem explicação. O feijão e o arroz não são *commodities*, são coisas nossas, o óleo de soja é coisa nossa. E vai por aí. Tem uma série de coisas... o aço é nosso, o minério é brasileiro, as siderúrgicas são brasileiras, os salários são em reais, então, não tem nenhuma explicação você ficar acompanhando o preço internacional.

Então, eu tenho dito tanto para os empresários quanto para os trabalhadores: não está na hora de vocês começarem a fazer um discurso chamando para um alerta importante os setores que estão aumentando o preço? E qual é a alegação para aumentar o preço? Eu estava vendo agora, no meu computador: “aumento de demanda na construção civil, aumenta o preço”. Veja a contradição que a economia permite que a gente viva, veja a contradição: nós passamos 26 anos, neste País, em que a construção civil só decresceu. Ela tinha tantos milhões de trabalhadores, e durante 26 anos foi perdendo o número de trabalhadores. Se vocês tiverem o prazer de conversar com a presidente da Caixa Econômica Federal vão perceber que o que nós fizemos nesses 5 anos e meio, em investimento em habitação, foi mais do que foi feito em 20 anos.

O engraçado, que somente os economistas entendem, é o seguinte: você não tem demanda, não vende o seu produto, então vai barateando cada vez mais. É como uma xepa na feira: você chega às 9 horas da manhã na feira, estão aquelas verduras todas novinhas, bonitas, e o preço lá em cima. Aí você vai para casa, entra no bar para tomar uma cerveja, quando são 11 horas você passa na feira, e aquilo está tudo pela metade. Por quê? Porque diminuiu o número de compradores. Ora, os empresários deveriam ter um procedimento diferente, ou seja, na medida em que aumenta a demanda, eu não preciso aumentar o preço. Eu vou ganhar mais pelo volume de vendas e não pelo aumento das unidades. Essa é que deveria ser... Um cidadão entra em um supermercado para comprar um produto. Se tem lá 50 produtos na prateleira e só tem um comprador, o preço vai cair. Agora, se tem 50 produtos e 100



compradores, o preço vai aumentar, o que eu acho contraditório, acho um comportamento ganancioso, porque é exatamente no momento que você pode vender mais, que pode até baratear um pouquinho, para ganhar em escala.

Então, eu tenho chamado a atenção dos companheiros sindicalistas, de que essa é uma bandeira que eles têm que assumir. Na medida em que eles pedem um aumento de salário e conquistam o aumento, eles têm que fazer um esforço muito grande para evitar que a inflação coma o seu salário. Você sabe que o governo não tem muitos mecanismos para controlar a inflação. O Banco Central só tem uma bala de prata, que é o aumento da taxa Selic, para reduzir a demanda. Na área da Fazenda, você também não tem muitos instrumentos.

Jornalista: Está sendo proposto agora (inaudível).

Presidente: Nós não vamos fazer congelamento de preços porque na hora em que se faz congelamento de preços, o mercado paralelo dobra os preços. Não vamos fazer isso. Já está demonstrado que é um desastre contra o próprio País.

Jornalista: Mas os economistas falam em gastos públicos.

Presidente: Nós vamos chegar lá. Ao mesmo tempo, tem uma outra forma: diminuir o crédito. Qualquer medida que você fizer é para diminuir a demanda. Se você tem uma capacidade produtiva x , e tem uma demanda $x+y$, você precisa equilibrar as duas. Ou a oferta cresce o y ou a demanda diminui o y . Essa é a lógica. Com qual certeza eu trabalho? Primeiro, a questão dos alimentos, eu acho que nós resolveremos. O Brasil tem condições de resolver o problema dos alimentos. Segundo, a questão da oferta. Nós temos muitos investimentos, hoje...



Jornalista: Desculpe, a gente tem condições de resolver o problema dos alimentos? Como assim?

Presidente: Aumentando a produtividade de alimentos. Temos terra, temos água, temos sol, temos tecnologia...

Jornalista: (inaudível) problema de aumento de preços.

Presidente: Aumento de preços, nós temos condições de resolver isso, num curto ou médio prazo. Nós temos condições de resolver. Por isso nós vamos apresentar essa proposta de melhorar a produtividade e qualificar melhor os nossos agricultores. A segunda, que eu acho importante, é que tem muitos investimentos que estão acontecendo. Nesse primeiro momento, os investimentos se transformam em consumo. Está se construindo a ThyssenKrupp no Rio de Janeiro. Então, estão comprando telhas, cimento, ferro, tudo o mais, e não tem nenhuma oferta, é só consumo. Está se construindo o Pólo Petroquímico no Rio de Janeiro. É só consumo, é só consumo. Daqui a algum tempo, esse consumo vai virar oferta, e aí é que eu acho que a coisa encontra um equilíbrio, aí é que eu acho que nós chegaremos ao ponto de equilíbrio de garantir o desenvolvimento sustentável do País. Eu trabalho sempre com a idéia de que o Brasil não precisa ficar com o trauma de que não pode crescer mais que 3%, e nem com o trauma de que precisa crescer 10%. O Brasil precisa ter um crescimento sustentável de 5%, 5,5%, 4,5%, 4,8% durante 10 ou 15 anos consecutivos. Se o Brasil tiver isso, nós entraremos no rol dos países ricos.

Jornalista: Como o senhor está vendo o cenário internacional? Tem muita gente que acha que a crise que começa no setor imobiliário americano passa a se alastrar por outras áreas, e que o epicentro dessa crise é o ano de 2010



(inaudível). Como o senhor está vendo isso? O senhor acha que pode enfrentar o último ano de governo com uma situação internacional tão difícil quanto o seu antecessor?

Presidente: Deixe-me dizer uma coisa antes, sobre a questão do gasto do Estado. Essa é uma discussão mais ou menos como aquela: quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Se o Estado brasileiro quiser dar ao povo brasileiro um atendimento digno, nós temos que investir muito dinheiro na máquina do Estado. Eu vou dar um exemplo: como você vai fazer fiscalização ambiental neste País se não tiver estrutura? Como você vai melhorar a educação neste País se não tiver professores? Como você vai melhorar a saúde neste País se não tiver médicos? Se você não monta uma máquina para funcionar corretamente....

Agora, só para você ter uma idéia, até 2010 nós vamos estar inaugurando no Brasil e colocando em funcionamento 214 novas escolas técnicas. É importante lembrar que desde Nilo Peçanha, da primeira dele no (inaudível) Rio de Janeiro, em 1909, até 2003, o Brasil construiu 140, em 93 anos. Em oito anos, nós vamos construir 214 escolas técnicas. Então, é preciso ter professores, técnicos, funcionários. Nós estamos fazendo 12 universidades federais novas, estamos fazendo uma latino-americana, estamos fazendo uma para a África, a Brasil-África, com os países de língua portuguesa, e se Deus quiser, lá em Redenção, no Ceará, que foi onde houve o primeiro movimento de libertação dos escravos. Nós vamos ter um total de 15 novas universidades e por volta de 88 novos campi. Tudo isso vai ter professores e técnicos. Então, não tem remédio.

Por que nós criamos o Fundo Soberano? Porque ele dá uma margem de manobra para ter dinheiro para facilitar os investimentos do Brasil no exterior e, ao mesmo tempo, dá margem de manobra para tirar a arrecadação que se teve a mais, não colocá-la no custeio, e ter um dinheiro à parte que pode ser



contado até como superávit primário. Eu fiz questão de elogiar o Guido e a equipe dele, porque achei uma medida extremamente inteligente.

Quando as pessoas falam que a máquina ganha muito, eu queria dizer o seguinte.... O Franklin, quanto o Franklin ganhava na Rede Globo, ou quanto ganhava na Bandeirantes? E quanto ganha aqui? Dez mil reais, para trabalhar certamente o triplo do que ele trabalhava lá. Ontem à noite eu recebi o Ricardo Kotscho aqui. Ele está trabalhando em um blog e falou que nunca ganhou tanto dinheiro na vida, mas ficou três anos comigo aqui, ganhando R\$ 7 mil por mês. Se tiver um governo malandro, que contrate por 10 e pague 30 por fora, está resolvido. Não é o que nós fazemos, nem ele aceitaria.

Teve um cidadão da Petrobras que veio pedir para sair da Petrobras, chorou aqui nesta sala, um grande companheiro, eu achei que ele ganhava demais, R\$ 26 mil por mês. Eu achei que era um baita de um salário. Ele saiu para ganhar R\$ 200 mil por mês, com dois anos de pagamento adiantado. E agora já saiu para ganhar R\$ 400 mil. Tem um grau de funcionários de alta qualidade neste País que ganham mal e porcamente. Ganham muito mal.

_____ : No fundo, tudo é uma hipocrisia, né?

Presidente: Essa é uma coisa boba. O Estado precisa ter funcionários qualificados e bem-remunerados para dar retorno à sociedade. As pessoas falam: “por que o Sarah Kubitschek funciona bem e as pessoas são felizes lá?” Porque ganham bem, têm jornada de trabalho integral, não podem trabalhar em outro serviço. Então, quando as pessoas começam a trabalhar.... aliás, eu vou inaugurar um Sarah este ano lá em Jacarepaguá, um belíssimo hospital. O que acontece? Quando o cara está ganhando mal ele precisa de três empregos, e não atende bem em nenhum, não é isso? É melhor ter o pessoal.... nós estamos fazendo ajuste de carreira em quase todas as carreiras. Pegue o Inmetro, o centro de excelência que é o Inmetro, se você



não pagar bem para um técnico daquele, o cara vai embora! Aliás, eu vou lhe contar uma coisa: as pessoas fazem concurso em outras categorias, sabe para quê? Para ir para a Petrobras. É como se fosse um vestibular. Então, nós precisamos pagar bem, se quisermos ter centros de excelência. Pegue os engenheiros do setor elétrico brasileiro e os da Petrobras: são pessoas altamente qualificadas, que ganham pouco, e as empresas vão levando eles. As empresas contratam alguns por US\$ 50 mil, outros por US\$ 60 mil, e vão levando. E nós ficamos dizendo que são marajás. Não são. São competentes, de alta qualificação profissional e técnica, e ganham muito mal. Portanto, o Estado vai perdendo. Qualquer empresário que for construir uma hidrelétrica, chega na Eletrobrás e tira três ou quatro funcionários, pagando o triplo para eles, e nós ficamos chupando o dedo. Eu só queria colocar esta questão do Estado, porque há uma certa hipocrisia nesta discussão. A gente fica de fora achando... um companheiro que está lá fora no mercado, ganhando R\$ 15 mil por mês, acha que o cara que está aqui e ganha R\$ 5 mil ganha muito. Criou-se essa cultura no Brasil, que eu acho ruim e maléfica para o País.

_____ : Sobretudo, parte dos nossos colegas.

Presidente: Eu não vou nem falar. Eu vou dar um último dado para vocês. Em cada lugar que eu vou, no mundo, ao chegar lá tem uma casa protocolar, em que o presidente da República se hospeda. Este País, deste tamanho, não tem um lugar para hospedar ninguém, você coloca as pessoas nos hotéis de Brasília. Deveria ter uma casa protocolar. Se você for fazer uma casa aqui, vai aparecer o seguinte: “governo gasta dinheiro que dá para...” Quando o Fernando Henrique Cardoso tentou reformar o Palácio da Alvorada, saiu uma grande matéria: “daria para fazer dez casas populares, daria para fazer....” Ora, se você for nivelar por baixo, não faz nada neste País. Agora, vá à China para ver o palácio em que eles te hospedam, vá à Inglaterra para ver os palácios



chiques em que eles te hospedam, vá à França. Aqui, não. Aqui o cara vem para um hotel.

Bem, a questão da política internacional....

Jornalista: Nos Estados Unidos, o senhor está torcendo por alguém?

Presidente: Não posso dizer se estou torcendo por alguém.

Jornalista: Nem no coração?

Presidente: Deixe-me contar uma coisa. Não sou eu quem está dizendo isso, Monteiro Lobato disse isso, que haveria um dia em que os Estados Unidos iriam ter um negro que iria disputar com uma mulher, e o negro iria ganhar. E está acontecendo com o Obama.

Eu acho que o Obama é uma revolução na cabeça do eleitorado americano, se ele ganhar as eleições. É um avanço que muitos cientistas políticos não estavam prevendo. Eu acho que é uma revolução extraordinária no comportamento do eleitorado americano. Obviamente que é o povo americano que vai escolher quem é o seu candidato. Há oito meses, todo mundo tinha Hillary como imbatível, mas não passou nem nas prévias do seu partido, quanto mais ser imbatível. A disputa vai acontecer, eu acho que ele é a grande novidade desses últimos cem anos na política americana, e Deus queira que, ganhando as eleições, ele possa ter uma proposta para a América Latina diferente da que os Estados Unidos tiveram durante o século passado.

Jornalista: O senhor o conheceu pessoalmente?

Presidente: Não, mas tem a vantagem de que o professor Mangabeira Unger foi professor dele, e o filho do Mangabeira é o coordenador da campanha de



juventude dele. É um companheiro, indiretamente.

Jornalista: O senhor congratulou-o pela vitória?

Presidente: Não. Eu até conversei um pouco com o Mangabeira de que o ideal seria que ele pudesse fazer, durante a campanha, um sinal de qual será sua política para a América Latina. Ele já o fez com relação ao Brasil, dizendo que quer participar junto com o Brasil na construção de combustíveis renováveis, já é um passo importante. Mas eu penso que os Estados Unidos deveriam ter um olhar para a América Latina que não fosse o olhar conspirador do século passado, porque hoje não existe mais ninguém querendo fazer revolução na América Latina, hoje todos os partidos estão participando do processo democrático. O que acontece é que se esses países não tiverem chance, e a chance de muitos deles é o mercado americano, ou brasileiro, ou mexicano, ou a troca entre eles, se não houver uma chance... eu acho que os Estados Unidos, de um lado, têm responsabilidade, o Brasil, de outro lado, tem responsabilidade, e o México, de outro lado, tem responsabilidade de contribuir para que essa região se desenvolva, e possa se desenvolver em paz. E os mercados consumidores somos nós: Brasil, Estados Unidos, México e Argentina. Então, eu acho que ele deveria ter um olhar positivo para a América Latina, eu espero que tenha. O McCain também tem feito muitos elogios ao Brasil. Eu espero que não apenas para o Brasil, eu espero que eles tenham um olhar diferente para a América Latina.

A nossa política internacional, nós tomamos uma decisão em 2003 – eu conto sempre da viagem de Davos, em 2003 – eu voltei de Davos convencido de que o Brasil poderia ter uma inserção maior na geografia comercial do mundo, e mudar um pouco a lógica do predomínio europeu e americano, (inaudível) criar alguma coisa nova. O G-20 foi um passo extremamente importante que nós demos, um passo extraordinário. Hoje o Brasil tem uma



relação internacional, tanto política, quanto comercial, muito diversificada. A sede da Embrapa já está implantada em Gana, e nós estamos convencidos de que a savana africana é como o cerrado brasileiro, e que nós poderemos desenvolver na savana africana o mesmo poder de produção que tem o cerrado brasileiro. Se isso acontecer – já começamos agora aquela produção em campo experimental – nós estaremos dando uma contribuição para que aconteça uma revolução na agricultura tropical, como a que o Brasil teve, na África. Ao mesmo tempo, montamos um escritório da Embrapa na Venezuela, porque a Venezuela é um grande produtor de petróleo, mas tem pouca possibilidade de produzir alimentos. Como o Brasil detém a mais importante tecnologia do mundo em agricultura tropical, nós queremos levar essa tecnologia para toda a centro-américa e toda a América do Sul, porque a segurança alimentar passa a ser uma coisa estratégica para todos os países.

Embora a nossa relação comercial com os Estados Unidos tenha crescido todos os anos, o Brasil hoje só tem 15% da sua balança comercial com os Estados Unidos. E aumentou muito com a América do Sul, América Latina, África, Oriente Médio, China. Temos compromisso com a Índia – compromisso dos dois governos – de chegarmos, até 2010, a dez bilhões na balança comercial. Ela só tende a crescer aqui na América do Sul. Eu começo a ficar preocupado porque com alguns países nós temos superávit de US\$ 5 bilhões, e é preciso que haja um certo equilíbrio para que a gente não só venda, a gente também precisa comprar alguma coisa.

Eu acho que o mundo está passando por um momento de ajuste. Essa crise americana, nós ainda não temos dimensão dela. Acredito que nem os americanos tenham o conjunto do mal que o subprime causou nos Estados Unidos e nos bancos que apostaram na especulação. Até agora nós estamos tranquilos, sempre olhando com um ar de preocupação, para saber o que vai acontecer aqui. Eu tenho dito para as pessoas que nós precisamos ficar atentos porque a questão cambial nossa, hoje, depende muito menos do nosso



esforço e muito mais da situação americana, porque tudo que interessa aos americanos é que o dólar esteja baixo porque resolve o problema do déficit comercial deles e o problema do déficit fiscal. Mas em algum momento eles vão ter que ajustar esse problema, e eu acho que o câmbio vai encontrar o seu denominador comum, eu trabalho com essa hipótese.

A questão do alimento no mundo, é importante analisar corretamente. Desde 2001 o mundo está consumindo o seu estoque regulador, todos os países comeram o seu estoque e não aumentaram a produção. A gente não pode esquecer que a Europa, até ontem, pagava para as pessoas não produzirem. As pessoas não se deram conta de que alguns milhões e milhões de seres humanos começaram a comer. No Brasil o pobre começou a comer, na América Latina, na China, na Índia, tem muita gente pobre na África comendo. Tudo isso carece de mais produção de alimentos. Então, eu acho que é um desafio bom. Eu não vejo isso como um problema, eu vejo isso como uma grande oportunidade para os países que têm potencial agrícola no mundo.

Jornalista: Presidente, o seu ministro da Agricultura e agora, hoje, nos jornais, o ministro do Desenvolvimento, estão se declarando contrários à CSS. O governo vai se manifestar a favor ou contra?

Presidente: Não. É uma tese que foi criada dentro do Congresso, é uma tese, que o Congresso resolva.

Jornalista: O senhor sabe que isso pode colocar em risco a aprovação da CSS no Senado, onde é bastante...

Presidente: É da responsabilidade dos parlamentares. O governo não vai se meter.



Jornalista: Definitivamente, não?

Presidente: Definitivamente.

Jornalista: Bom, Presidente, eu queria fazer uma pergunta só: o senhor começou uma viagem (inaudível), há uma metáfora de que a vida é uma viagem. Há 30 anos o senhor me contou o início de uma viagem sua, aos seis anos, saindo do sertão e vindo para São Paulo. Aí, até então, o senhor estava na metade da viagem e, agora, o senhor está, nessa etapa da viagem, porque ainda tem muita coisa para viajar aí para frente. Que tal essa experiência pessoal e humana dessa viagem feita?

Presidente: Mauro, na verdade, nenhum ser humano tem dimensão do que é ser Presidente da República antes de chegar aqui. Você pode teorizar, mas chegar aqui e governar, num país democrático em que as instituições funcionam, e funcionam às vezes até exageradamente bem, é um desafio cotidiano. O Brasil, eu acho que tem a experiência mais extraordinária da construção cotidiana da democracia, com uma diversidade, com uma pluralidade extraordinária.

E eu acho que é essa coisa maluca da política que faz a gente... que fazia doutor Ulysses dizer: "A política é meu orgasmo". Porque é uma coisa maluca: o político não morre novo, normalmente ele vai para 80 anos, ele nunca quer desistir, porque é uma coisa maluca.

Eu acho mais fácil governar o Brasil do que eu pensava que era. Qual é o gostoso de você estar aqui? É você poder realizar coisas que você reivindicava. Em 82, na disputa em São Paulo, perguntaram para mim porque eu queria ser candidato a governador, e eu dizia: é porque eu quero ver se sou capaz de atender as minhas reivindicações.

Então, é esse exercício: a gente receber aqui os Sem Terra e discutir



uma pauta com eles envolve 10, 12, 15, 20 ministros, depois de um mês chama de volta aqui. Chama a Contag aqui, pauta de reivindicação, envolve 20 ministros, cada um dá a sua resposta, chama-os aqui, faz o acordo, eles fazem a sua passeata. Chama os dirigentes sindicais, pauta de reivindicação... É uma maluquice cotidiana, uma coisa... Trabalha-se infinitamente mais do que se trabalhava na fábrica, as pessoas não têm dimensão.

Quando você trabalha numa fábrica, você sabe que vai entrar às 8 e sabe que vai sair às 6, e sabe que na sexta-feira à noite você pode ir para o Amarelinho tomar cerveja, tomar um chopezinho, você sabe que tem o sábado e o domingo livres. Aqui você não tem horário para começar, horário para sair, não tem sábado, não tem domingo, porque se tiver um problema as pessoas te localizam às 10 horas da noite, às 11 horas da noite, é assim. Agora, é uma coisa que eu acho extraordinária. Eu digo sempre o seguinte: eu quero ser julgado no final do meu governo. Eu quero comparar o meu programa de governo, os compromissos que assumi, com as coisas que eu realizei.

Jornalista: Esse julgamento, o senhor acha que vai conseguir eleger a Dilma?

Jornalista: Quem vai suceder o senhor?

Presidente: Eu não tenho candidato.

Jornalista: O senhor falou há pouco que a Dilma está sendo atacada por ser a favorita, não é?

Presidente: Não declarei. Estranhamente, quando eu disse, no Rio de Janeiro, que a Dilma era a “mãe do PAC”, porque é, porque ela trabalha nesse PAC 24 horas por dia, porque é ela quem controla todos os investimentos do PAC, é ela que sabe se está andando, se não está andando, ela é que fica sabendo se



é vermelho, se é preto, se é roxo. É ela quem chama os ministros, é ela que presta contas para mim a cada mês, é ela que presta contas para a imprensa. Depois que falei isso, talvez os adversários entenderam que era uma senha. E aí começaram a atacar a Dilma.

Jornalista: O senhor não falou que ela era favorita?

Presidente: Não, não falei que era favorita.

Jornalista: Eu li na imprensa...

Presidente: Nunca falei. Eu estou com muito cuidado nisso.

Jornalista: Não sua favorita, favorita para ganhar as eleições. Estão atacando ela porque é a favorita.

Presidente: Nunca falei. Eu acho que a minha idéia é construir uma candidatura da base do governo de hoje. Esse é o meu compromisso. Eu quero juntar todos os partidos e ver se é possível construir uma candidatura da base, uma candidatura única da base para disputar essas eleições. Eu acho que é plenamente possível, porque tem 27 candidatos a governador, 54 candidatos a senador, vices, quer dizer, cargos não faltam para quem quiser disputar. Basta que as pessoas decidam claramente se querem disputar eleições para ganhar ou se querem fazer a aventura de ter candidatos a qualquer preço, e aí, num país deste tamanho, é muito difícil. Eu, particularmente, trabalho com a hipótese de fazer a minha sucessão, até porque eu estou convencido de que o que nós estamos fazendo precisa continuar. Obviamente que os adversários pensam diferente, e isso faz parte da nossa democracia, mas eu ainda não tenho candidato, não quero discutir isso antes de discutir com os partidos



políticos. Agora, se você perguntar para mim: a Dilma tem competência? Tem e muita. Eu acho que tem pouca gente no Brasil, hoje, com a capacidade gerencial da ministra Dilma Rousseff. Agora, entre ter competência gerencial e ser candidato a presidente, tem uma distanciazinha da largura do oceano Atlântico.

Jornalista: Nessa grande viagem, qual o legado que o senhor espera deixar?

Presidente: Vamos esperar 2010. Eu pretendo fazer uma inovação no final do meu mandato. Ao final do meu mandato, eu quero pegar todas as coisas que foram feitas, todas. Cada Ministério vai ter que me entregar tudo o que foi feito nesses oito anos, registrar em cartório e me entregar. Eu quero entregar ao meu sucessor, à imprensa, aos sindicalistas, às entidades empresariais, registrado em cartório cada coisa que nós fizemos, cada obra, cada projeto, cada investimento, que é para não apagar a memória. Tudo isso está em computador. Se você entrar no computador hoje, isso aqui que é um documento especial do presidente da República para os meus debates, para as minhas coisas... Se vocês entrarem no site do governo terão, todos os dias, renovado todos os meses, tudo o que o governo está fazendo.

E aí, sim, eu vou ter um legado. Eu vou ter o legado de recuperar a educação brasileira – quero ter isso na minha conta –, quero ser o presidente que mais fez escolas técnicas neste País, quero ser o presidente que, no mandato, fez mais universidades, fez mais extensões universitárias, que melhorou a vida dos trabalhadores brasileiros, que mais estabeleceu relações com a sociedade. Eu acredito piamente que nós precisamos consolidar a mudança de padrão da relação entre o Estado e a sociedade.

Veja uma coisa. Na semana passada, criou-se uma celeuma, se eu iria ou não na Conferência Nacional do pessoal GLBT. É um absurdo isso. Imagine que o preconceito perpassa a cabeça de cada jornalista, a cabeça de cada



cara do governo, a cabeça de cada pessoa, porque é um preconceito. Então, imagine: eu sou, na história do mundo, o primeiro presidente a ir a uma conferência em que tem lésbicas, tem travestis, tem homossexuais. Eu fui até lá, e se não estivesse escrito no cartaz que era GLBT, eu sairia como se estivesse em qualquer outro encontro, de qualquer segmento. Nós criamos um preconceito. Eu dizia a eles: ninguém tem preconceito quando vocês vão votar, ninguém tem preconceito quando vocês vão pagar Imposto de Renda. E como eu acho o preconceito a pior doença na cabeça do ser humano, não tem doença mais danosa ao ser humano do que o preconceito.

Jornalista: O senhor não acha que existe um certo preconceito – quero me remeter ao Rio de Janeiro – porque há pouco o PMDB e o PT romperam. E romperam porque existe grande dificuldade de acordo com o PT no interior do estado, um certo preconceito do PT com os partidos aliados, e esse caso do Rio de Janeiro...

Presidente: Mas não vamos misturar divergência político-ideológica com preconceito. São duas coisas distintas. O PT, como os outros partidos políticos, tem os seus defeitos. Sabe o que acontece? Todo partido político, do “A” ao “C”, todos gostariam de ter o seguinte: todos gostariam de ter o candidato a prefeito, o candidato à vice ser seu, a chapa de vereadores ser puro-sangue e eleger todo mundo. Como isso não é possível, e é bom que seja assim, nós temos que ter a cabeça arejada para procurar abrir o nosso espaço individual ou coletivo partidário, para trazer novas pessoas para dentro da nossa disputa. Não deu certo com o PMDB no Rio de Janeiro, mas deu certo com o PMDB em vários outros lugares e nós não podemos fazer disso um trauma.

Jornalista: Não vai dar certo (inaudível) mil casos, mas eu acho mais complicado é em Belo Horizonte.



Presidente: Eu, por exemplo, sou crítico ao comportamento do PT no caso de Belo Horizonte. Tem um problema local, em que a direção municipal acordou, em que a direção estadual aprovou e a direção nacional trás para si uma briga que não é nossa. O candidato é do PSB, o vice é do PT, não vai ter coligação na chapa de vereadores. Onde é que está o Aécio nessas alturas, se não apenas apoiando? Qual é o estigma, se nós temos em outros lugares aliança com o PFL e aliança com PSDB? Na política também, quando você cria estigma contra as pessoas, você começa a perder. Eu ainda acredito que o PT vai fazer uma inflexão no caso de Belo Horizonte.

Jornalista: E no caso do Rio?

Presidente: No caso do Rio, o PMDB decidiu ter candidatura própria. Eu não posso dizer que não deva ter, porque tem o governador do estado, é um partido forte, pode ter. O que eles têm que admitir é que o PT também tem que ter candidato, o PC do B tem candidato. O que eu acho? O que eu acho é que se todos tivessem juízo, a base do PT se reuniria com candidatos a prefeito, a vice-prefeito, ganharia as eleições e ajudaria a transformar o Rio de Janeiro na cidade maravilhosa que Deus criou.

Jornalista: Isso vai fazer com que o senhor tenha que ficar...

Presidente: Não, não. Eu já tomei a decisão antes. Eu participarei muito pouco das eleições municipais. O presidente da República não vai se meter nas eleições municipais. Sabe por quê? Porque tem muitos deputados concorrendo às eleições, e a glória de quem ganha vai ser dele, na cidade dele, eu não vou ficar nem sabendo. Vai ter festa e eu não vou ficar nem sabendo. Mas os que perderem voltarão para cá azedos e aí, eu tenho que conviver com eles mais



dois anos. Então, eu preciso saber que caldo de galinha e cautela não fazem mal para ninguém. Eu preciso governar este País até 2010 com a tranqüilidade que estamos governando agora. Por isso, eu não farei da eleição municipal um cavalo de batalha para mim.

Jornalista: Presidente, na Gazeta a gente publicou, recentemente, um estudo feito pelo professor (inaudível) da USP, que mostra que existem 5 milhões de brasileiros espalhados pelo mundo, trabalhando. Ele coloca isso como “estado dos emigrantes”. O Banco Mundial assume que esses brasileiros mandam para o Brasil cerca de 7,5 bilhões de dólares por ano. O que o Brasil pode fazer por esses emigrantes que estão trabalhando lá fora? Como é que o senhor vê essa contribuição desses brasileiros, que também saíram da sua localidade para buscar uma alternativa de vida?

Presidente: Vamos entender que uma parte das pessoas vão embora, em função de que fazia 26 anos que o País não crescia. Se o País passou 26 anos sem crescer e, portanto, não gerava emprego e o crescimento demográfico continuava acontecendo, é justo que as pessoas procurem um lugar no Planeta para trabalhar. Um belo dia, os alemães descobriram o Brasil, em 1850. Em 1875 os italianos descobriram o Brasil, depois os japoneses descobriram o Brasil em 1908, depois vieram os espanhóis, os portugueses vieram em 1500, as pessoas procuram. Uma parte vai por necessidade para trabalhar, outra parte vai... eu tenho amigos meus que estavam trabalhando no Brasil e que viram na convocação para trabalhar lá fora uma oportunidade de aprender uma língua a mais, de dar uma melhor educação para os filhos, um mundo novo para as pessoas. E essas pessoas contribuem muito com o Brasil, contribuem de forma extraordinária, mandando para cá o seu salário.

E eu acho que vai ser assim. No mundo globalizado, eu acho que as pessoas vão, cada vez mais, transitar no mundo. Obviamente que quanto mais



o Brasil melhorar... Se uma pessoa vai para lá solteira e se casa, não volta mais, essa não volta mais. Mas aqueles que foram pura e simplesmente pelo emprego, na medida em que começam a ter oportunidades aqui...

Por exemplo, se tiver engenheiros lá fora, veja o que vai acontecer: ontem nós, aqui, assinamos o decreto de concessão da Hidrelétrica do Rio Madeira. Então, um empresário falou assim para mim: “Presidente, nós precisamos contratar, em caráter emergencial, 50 engenheiros, e não tem aqui no mercado, nós vamos ter que buscar os brasileiros que estão lá fora”. Eu acho ótimo isso. E se não tiver nossos, contrataremos argentinos, contrataremos outros engenheiros. Essa, eu acho uma coisa boa. Tem brasileiros no Japão, tem brasileiros na Itália. Eu estou sabendo que a Itália tem, agora, uma propensão a convidar muitos brasileiros para ir para lá, filhos de italianos. Eu acho uma coisa boa porque o cidadão que tem a oportunidade de morar num país mais desenvolvido é uma lição de vida, para ele, extraordinária. Ele vai voltar para cá muito mais qualificado. Eu acho importante isso.

Da mesma forma que eles estão aqui... A agricultura brasileira não seria o que é se a gente não tivesse, nas raízes, a cultura da agricultura alemã, espanhola, japonesa, isso enriquece. Obviamente que há uma tendência natural, que é pessoal e se transformou numa coisa de nações, que é o seguinte: na própria família da gente, alguém que fica bem de vida começa a deixar de receber os parentes mais pobres. Isso acontece na casa da gente. Se você é pobre, você quer ir todo dia na casa do seu amigo tomar cerveja. Mas se você ganhou na loteria, já vai colocar um portão, um cadeado, já não entra mais ninguém.

Os países são assim, na hora que eles estão ficando mais ricos, eles não querem que os pobres transitem por lá. Há uma perseguição, hoje a... Eu agora estive na ONU, na FAO, e eu disse: “se vocês...” – porque a direita tem um discurso muito antiimigrantes, e a esquerda não tem discurso. A esquerda



não pode defender os imigrantes, porque vai perder voto, e a direita bate muito nisso.

Então, eu estava dizendo ao meu companheiro Zapatero: Eu acho que a esquerda tem... – e para o D’Alema também – a esquerda tem que construir um discurso. Qual é o discurso? Nós precisamos ajudar os países pobres a se desenvolverem, porque aí as pessoas vão vir para cá como turistas e vão comprar os nossos produtos. É o único jeito de você evitar a imigração.

Se as pessoas continuam pobres e a Europa rica, as pessoas vão querer ir para lá. Se o Brasil crescer sozinho e a América do Sul não crescer junto, vai vir muita gente para cá. Então, nós temos a responsabilidade de compartilhar o nosso crescimento com os países da América do Sul e com os nossos vizinhos.

Jornalista: É interessante o senhor ter falado em esquerda e direita. O senhor ainda se julga de esquerda?

Presidente: Eu estou cada vez mais torneiro mecânico. Você está lembrado do seguinte... Eu nunca gostei – você me acompanha há muito tempo – de andar com rótulo na testa: “Eu sou isso, eu sou aquilo”. Obviamente que todo mundo sabe da minha origem, todo mundo sabe da minha vida pública, que é muito conhecida, e que eu me considero um homem de esquerda.

Jornalista: E que o senhor é corintiano...

Presidente: Eu sou corintiano, sofri muito na quarta-feira à noite.

Jornalista: Mas o senhor não pode falar mal do Sport Recife, porque se o senhor quiser se candidatar ao Senado por Pernambuco...



Presidente: Não, lógico que não falo. Não falo mal do Sport. Nem mais do Palmeiras eu posso falar mal, porque meu filho trabalha lá. Então, acabou, não tem mais adversário.

Então, eu acho... Deixa eu lhe falar...

Jornalista: Há essa hipótese, em Pernambuco?

Presidente: Eu sou torcedor do Náutico.

Jornalista: Não, mas há essa hipótese de ser candidato ao Senado?

Presidente: Não, não há hipótese. Só um ato de insanidade me faria deixar sete meses a Presidência da República para ser candidato ao Senado. Esse aqui é o cargo mais importante da Federação, eu levei 12 anos para chegar até aqui. Por que eu vou deixar isso aqui para ser candidato ao Senado?

Jornalista: Mas o fato é que o senhor deixa a Presidência da República, Presidente, um homem muito jovem.

Presidente: Eu vou deixar a Presidência com 64 anos de idade. Obviamente que para os padrões políticos brasileiros, como eu pretendo viver, se Deus permitir, até uns 80... Meu paradigma é o Oscar Niemeyer, meus paradigmas de longevidade são a Dercy Gonçalves e o Oscar Niemeyer. Eu quero chegar a essa idade com o prestígio do Oscar Niemeyer e com as peraltices da Dercy Gonçalves. Eu a vi um dia desses na televisão, e ela fala todas as bobagens que um ser humano tem direito. Eu queria chegar assim na minha velhice. Obviamente que eu vou deixar a Presidência aos 64 anos de idade e nunca vou desistir da política. Eu também não quero voltar para o PT, não quero voltar a ser dirigente de partido, isso não está mais na minha cabeça. Vou



viajar pelo Brasil. Eu gosto deste País, de conhecer cada vez mais, por dentro, este País. Não tenho pretensões de dar palpite no próximo governo. Quem quer que seja que sente aqui, não ouvirá da minha boca um único palpite sobre quaisquer que sejam as decisões do governo. A minha filosofia é a seguinte: rei morto, rei posto.

Jornalista: Mas nada impede que o senhor volte (inaudível).

Presidente: Eu não quero nem discutir isso porque esse negócio de a gente ficar contando com o ovo antes da galinha pô-lo, ela pode nem pôr o ovo. O Juscelino pensou que iria voltar e não voltou.

Jornalista: O senhor sabe que sai da Presidência – é aquilo que o Getúlio falou – para entrar na história. Isso é um fato, e o senhor vai ser uma pessoa forte no País, de qualquer maneira.

Presidente: Mas deixe-me contar uma coisa que as pessoas têm que entender. Eu não trabalho com a hipótese de volta. Se eu pudesse fazer um juramento, pela felicidade do meu filho caçula. Por que eu não trabalho com a possibilidade de volta? Eu trabalho com a possibilidade de eleger a minha sucessão. Se eu eleger a minha sucessão, e ficar do lado de fora dando palpite, com poucos meses terei a pessoa que eu elegi como minha adversária, como acontece em alguns países.

Jornalista: Como aconteceu aqui.

Presidente: Como já aconteceu aqui. Então, se eu elegi uma pessoa, eu tenho a obrigação moral de ajudar essa pessoa a governar bem, e uma forma de ajudar a governar bem, é não dar palpite. Se for consultado, ainda pode falar,



mas em *off*. Qual é a hipótese de voltar? Se ainda estiver vivo, se for um adversário que seja eleito e que não faça um bom governo... Trabalhar com essa hipótese é, no mínimo, mesquinha e elevada à quinta potência. Quando se passa por aqui tem que ser humilde, e começar a imaginar que quem sentar aqui tem que fazer o máximo que puder e o melhor que puder fazer, porque só assim o povo brasileiro vai ganhar alguma coisa. Então, a gente não pode nunca torcer por “quanto pior, melhor”.

Eu acho que a hipótese é muito remota, e eu acho que o cidadão que trabalha com isso na cabeça pira politicamente, começa a falar bobagem, começa a dizer bobagem. Então, o meu lema é o seguinte: no dia 1º de janeiro de 2011 eu entregarei a Presidência da República a alguém, vou para a minha casa conviver com a minha família e deixar a pessoa eleita governar. Não tenho interesse em ser candidato ao Senado, a governador, a vereador, a prefeito. Quem passa por aqui, meu filho, não quer outra coisa senão descansar um pouco. A carga é muito pesada.

Jornalista - Eu tenho uma pergunta pontual, que eu até acho que não precisa, mas eu... Só uma coisa, para terminar. Hoje os jornais estavam dizendo que o Incra disse que os estrangeiros são proprietários de não sei quantos milhões de hectares de terra no País.

Presidente: Eu fiz uma reunião com o MDA, com o Ministro da Agricultura, com o Ministro da Defesa, com o Ministro da Justiça, e foi criada uma comissão para fazer um estudo sobre a questão dos estrangeiros com terras no Brasil, e também sobre a questão das nossas fronteiras, como melhor a gente ocupar as nossas fronteiras. Isso está sendo feito e, logo, logo eles me apresentarão uma proposta, porque eu acho que nós temos que cuidar. Nós temos casos, sobretudo nesse negócio do etanol... Ainda quando o Roberto Rodrigues era ministro, aqui nesta mesa nós tomamos a decisão de que era preciso ter um processo de controle das pessoas que estão comprando terra no Brasil. Uma



coisa é você comprar usina, outra coisa é você comprar terra. Daqui a pouco você está com o território na mão dos estrangeiros, o que nos cria um embaraço de soberania muito sério, que nós não podemos deixar.

Uma outra coisa que eu quero dizer para vocês, antes de a gente terminar esta entrevista, é que ontem nós encontramos mais petróleo. A Petrobras encontrou um novo poço na Bacia de Santos.

Jornalista: Ah, é? Que beleza!

Presidente: Vocês estão vendo essa celeuma de *royalties*. Eu, com muito cuidado e com muita tranquilidade, não tenho tempo para fechar isso. Eu trabalho com duas hipóteses: a primeira, de que o Brasil será a 3ª ou a 4ª potência em petróleo do mundo, com petróleo de qualidade.

Segundo, a de que nós vamos ter que discutir, com muito carinho, que o Brasil não pode se transformar em um exportador de petróleo. O Brasil tem que se transformar em um exportador de derivados de petróleo, para que a gente possa colocar valor agregado no nosso petróleo.

Terceiro, nós precisamos utilizar essa potência de petróleo e criar uma verdadeira indústria petroleira neste País, com estaleiros para construir sondas, com estaleiros para construir plataformas, com estaleiros para construir muitas embarcações, com estaleiros para construir tudo aquilo que for pertinente a uma grande indústria naval ligada à questão do petróleo. E aí, nós temos que discutir com muito carinho porque hoje, se a gente tiver que contratar todas as sondas que a Petrobras precisa para começar a trabalhar em Tupi, a gente não teria potencial na indústria brasileira para fazer. Eu conversei com a indústria naval e com a indústria de base no Brasil e não tem, então, é preciso que a gente compre um pouco fora e faça licitação das outras aqui, para que dê tempo do nosso parque industrial se preparar para isso. Por quê? Porque nós estamos construindo estaleiros em Recife, estamos construindo dique seco no



rio Grande do Sul, o Rio de Janeiro recuperou a indústria naval, mas ainda temos que construir mais estaleiros, porque a Petrobras vai precisar, nos próximos seis anos, de 200 navios. Essa é uma oportunidade excepcional para a gente desenvolver a indústria naval brasileira definitivamente, e eu acho que nós precisamos aproveitar esse petróleo. Eu não discuti ainda, com ninguém, o que nós vamos fazer com o petróleo da União.

Jornalista: ... os *royalties* da União...

Presidente: Não, o petróleo é da União. As áreas que não foram leiloadas ainda são da União, não são da Petrobras.

Jornalista - Estou publicando hoje no Jornal do Brasil um texto sobre isso. Eu sou da tese de que o Brasil deveria criar uma nova empresa, mas ter o monopólio total sobre esse óleo descoberto.

Presidente: Tem várias hipóteses. Na verdade eu estou pensando seriamente nos investimentos que nós precisamos fazer. Eu sonho que a gente deva discutir a criação de um fundo para investir na educação deste País e um fundo para cuidar da pobreza.

Jornalista: Do pobre?

Presidente: Obviamente que muita coisa virá pela frente. A outra coisa que eu penso é que o Brasil vive um momento tão excepcional que eu acho que a nossa oposição deveria ser mais propositiva. Aliás, ontem eu vi o programa do PSDB na televisão...

Jornalista: Eu achei bom.



Presidente: Eles deveriam fazer, na prática, o que eles falam na televisão. Eles fizeram até em branco e preto para parecer uma coisa antiga, mas eu queria que eles assistissem todo dia, quando se levantassem de manhã para ir ao Congresso, que assistissem ao programa e fossem...

Jornalista: Mas eles são menos raivosos (inaudível)

Presidente: Eu não sei. Eu acho que está provado que essa coisa de você fazer da política uma coisa raivosa, não dá certo. Está provado que não dá certo. Eu aprendi muito aqui na Presidência da República. Quando eu fui candidato em 1989, se vocês pegarem aquela campanha, vocês vão perceber que eu nunca disse do Sarney 1% do que o Collor dizia. Eu tenho muito cuidado em atacar pessoas.

Aqui, no Brasil, muitas vezes a insinuação ou a ilação prevalecem sobre a verdade. Isso é triste na política porque uma ilação pode levar você a fazer 50 artigos acreditando naquilo e, depois, quando prova que não é verdade, você não tem como dizer que estava errado. É como se você apenas fechasse a página e tivesse vergonha de dizer: “Eu escrevi aquilo”.

Vamos pegar o caso dessa moça que foi ontem ao Senado. Eu fiz uma comparação: o Franklin se levantou de manhã para fazer um suco de laranja, pegou a laranja e não tinha suco... espremeu, espremeu e não tinha suco. Como é que pode alguns senadores perderem 9 horas... O que deu, qual é o resultado daquilo? Num caso em que vocês, do Rio de Janeiro, sabem perfeitamente bem que um juiz, neste País, começou e terminou aquele processo, que não houve participação do governo, porque o governo não podia fazer nada, porque estava na mão do Judiciário. “Ah, mas o governo tinha pressa”. Lógico que nós tínhamos pressa, a Varig estava quebrada, o caos estava... todo dia a manchete era sobre o caos aéreo neste País.



Não sei se vocês perceberam o caso do avião de Congonhas. O caso do avião de Congonhas foi o pior inferno que eu vivi na minha vida porque, de repente, eu estou sentado na minha mesa e jogam nas minhas costas 200 mortos. E eu acompanhei, acompanhei tudo o que se escreveu, acompanhei televisão, mudava de canal a toda hora. Era como se o governo fosse o responsável pelo avião ter caído. As pessoas não pararam nem para pensar.

Aí, no dia seguinte, sai o vídeo da Infraero mostrando o que realmente aconteceu. As pessoas simplesmente apagam, sem um pedido de desculpas apenas, ou “erramos”. Apagam, esquecem.

Eu penso que no Brasil, para consolidar a sua democracia de verdade, nós precisamos ter uma combinação perfeita entre todos os segmentos da sociedade. A imprensa brasileira, Franklin, trabalha com o trauma de ser “chapa branca”. Não tem coisa que magoe mais um jornalista do que ser chamado de “chapa branca”. E, às vezes, o medo de ser “chapa branca” faz com que extrapole os limites do bom senso para dizer: “Eu sou contra”. Quando, na verdade, entre o governo e a imprensa, entre a notícia e o fato, nós temos o quê? Temos o leitor, temos o telespectador, que é mais inteligente do que a gente pensa. Ele saca.

Tinha um apresentador de televisão que o pessoal, às vezes, ficava incomodado porque ele falava mal do governo todo dia. Eu falava: Gente, eu, antes de ser Presidente, eu fui telespectador a vida inteira. E o telespectador não acredita nem numa pessoa que só fale bem, nem numa pessoa que só fale mal. Se você aparecer 20 vezes falando bem do governo, ninguém acredita. Se você aparecer 20 vezes só falando mal, também ninguém acredita. Cadê o nosso ponto de equilíbrio, em que a busca da verdade absoluta seja a razão da nossa governança, da imprensa escrita, falada, televisada? Porque somente assim nós vamos consolidar a democracia, neste País. E eu espero que o Franklin consiga fazer uma TV Pública de qualidade, independente... Não “chapa branca”. Porque quando nós criamos a TV Pública, eu falei para o



Franklin: “Franklin, se a gente fizer uma coisa que comece a falar bem do governo, a credibilidade será zero. Mas se a gente fizer uma coisa, como em alguns estados em que o PT governou e em que a TV Pública falava mais mal do governo do que a privada, também a credibilidade será zero”. A busca do equilíbrio é que vai fazer essa televisão ser um centro de referência para os debates políticos.

Mauro, você que é um cara vivido na política, às vezes eu fico indignado com o fato de se acusar e não ouvir o outro lado.

Jornalista: Isso eu acho que é um absurdo.

Jornalista: Mas isso nós, velhos, aqui, os mais velhos...

Presidente: Eu acho um absurdo alguém dizer: “O Mauro fez isso de errado”, e publicar sem te consultar, até para você se defender.

Jornalista: Mas isso também não ocorre só com o Presidente da República, não, ocorre com jornalista também.

Presidente: Você sabe que eu, até, Mauro, não sou um cara que pessoalmente, me queixo, não. Primeiro, eu falo para os meus companheiros: “Eu nunca tive preconceitos e acho que já venci os preconceitos contra mim”. Eu já vivi mais preconceitos do que... Quando eu terminar a Presidência, vou pegar o preconceito publicado na imprensa a meu respeito no primeiro mandato. Quero mostrar...

Jornalista: O senhor acha que diminuiu, no segundo mandato?

Presidente: Eu não sei se diminuiu, mas acho que o povo venceu isso. A



minha tranquilidade é que o povo venceu esse preconceito.

Jornalista: Só para terminar, Presidente. Eu pergunto: será que o senhor está pensando em fazer com essa nova descoberta, que é um fato absolutamente novo... A Petrobras, tudo anterior - desde a Lei em 2004 até a descoberta dessas jazidas do pré-sal - é uma etapa da história do petróleo no Brasil. Agora começa uma outra etapa. Não seria o caso de o Brasil... Tem umas coisas curiosas aí. Os outros países recebem – estou falando dos países do Oriente Médio – 84%, por aí, de participação na exploração do petróleo, o Estado recebe. No Brasil, o máximo que o governo determinou é de 40%. Não seria o caso de mudar totalmente essas regras com relação a isso, e fazer o que o senhor está dizendo, de utilizar esses recursos extraordinários para fazer a revolução da Educação no País? Não seria o caso de o Estado ter isso... Estive olhando, e a legislação permite ao Poder Executivo tomar as decisões que quiser tomar. A legislação é clara: o petróleo ainda é do Estado.

Presidente: E já houve até depoimento de empresas estrangeiras de petróleo, dizendo que reconhecem que o Brasil precisa cobrar mais pelo petróleo, elas próprias estão dizendo isso. Agora, Maurício, eu vou fazer uma conversa muito meticulosa dentro do governo, com a Petrobras. Eu tenho que ter todo o cuidado porque a Petrobras tem ações na Bolsa e eu não posso permitir que haja especulação em função de uma palavra minha. Mas nós vamos trabalhar isso com muito carinho. Eu acho que a oportunidade do Brasil...

Jornalista: O Rio de Janeiro tem que saber como é que o senhor vê os royalties do Rio.

Presidente: Eu acho que o Rio tem direito. (inaudível) não tem petróleo do Rio, petróleo de São Paulo ou petróleo da Bahia. O petróleo é (inaudível).



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31DHJLP)